

## Resenha

**ECKERT, Cornelia. *Memória e trabalho: etnografia da duração de uma comunidade de mineiros de carvão (La Grand-Combe, França)*. Curitiba: Appris, 2012. 128 pp.**

*Fabiela Bigossi*  
(UFRGS)

A publicação de Cornelia Eckert resume a tese de doutorado *Une ville autrefois minière: La Grand-Combe. Étude d' Anthropologie Sociale*. A pesquisa foi realizada na Université Paris V - René Descartes, S. H - Sorbonne, Paris, França, 1992 e orientada pelos professores Jacques Gutwirth (CNRS) e Antoine Prost (Paris 1 - Sorbonne). Além da apresentação, introdução e conclusão, o livro é escrito em cinco capítulos. Os três primeiros trazem a etnografia realizada em La Grand-Combe e fazem referência, respectivamente, a três períodos marcantes da Companhia: edificação, manutenção e crise. É através dessa divisão em três capítulos que podemos também encontrar o marco teórico que guiou a autora: a fenomenologia de Gastón Bachelard. O quarto capítulo apresenta as reflexões sobre a metodologia e as técnicas de pesquisa utilizadas pela autora. No quinto capítulo, a autora substitui a narrativa textual pela narrativa fotográfica, utilizando-se das imagens feitas em campo, da pesquisa imagética em acervos e das imagens cedidas pelos interlocutores para relatar “o trabalho de durar” (:107) em La Grand-Combe.

O estudo foi realizado junto a trabalhadores mineiros de carvão, para os quais o “universo da mina” é visto como um contexto singular e revelador das tensões cotidianas em interação com as dinâmicas macroestruturais. Situada no sudeste da França e fundada em 1846, La Grand-Combe foi o universo escolhido para o estudo de caso, por ser uma localidade construída com o objetivo de tornar-se uma “fábrica com vila operária” (:17). Nesse contexto, a Companhia de Minas de la Grand-Combe exploraria o “ouro negro”, consolidando uma política paternalista e a “ética do trabalho como uma subcultura, a cultura operária produtiva de capital” (:22), na qual os trabalhadores foram marcados pelo ritmo da ideologia patronal, católica tradicional e conservadora. A questão central na pesquisa é como “as pessoas, apesar das descontinuidades vividas” (:23), projetam e reconstróem uma duração social, a partir da transformação incessante que marcava um contexto em mudança e decadência industrial.

A autora toma a “situação de crise” nos anos 1980 em La Grand-Combe como parte do processo de modernização de cidades industriais, o qual afetou, principalmente, localidades em que a economia se organizava em torno da monoprodução. O fim da atividade mineira provocou uma crise que se refletia em “todos os domínios da vida social dos habitantes” (:18), com efeitos ainda mais severos, considerando que nenhuma atividade produtiva substituiu o trabalho na mina em uma sociedade capitalista que tem no trabalho seu valor central.

A partir de uma etnografia nos diversos domínios da vida social, nos tempos e lugares de interação, a autora mostra ao longo da obra, que apesar de viverem uma ruptura violenta na história coletiva, “os grand-combianos vivem uma dialética da duração, uma recomposição social cotidiana” (:19).

Na França do século XIX, o carvão era a “fonte econômica básica”, no entanto, na segunda metade do século XX essa realidade se modificou e a exploração nas minas desacelerou frente à substituição do carvão pelo petróleo. Somada a essa troca de fonte energética, o setor carbonífero modernizou-se na forma de exploração mineira, suprimindo empregos e transformando-se em uma organização econômica e social. Homens e mulheres partiram das cidades mineiras buscando novos trabalhos, permanecendo nesses locais, sobretudo, aposentados e desempregados.

No “tempo da Companhia”, primeiro capítulo do livro, têm-se as narrativas, da autora e de seus interlocutores, de como fora La Grand-Combe no auge da produção de carvão, onde tudo na cidade fazia referência ao produto extraído das minas.

A inscrição “*Mains Negros, Pan Blanc*”, que constava no Brasão da cidade, é explicada na narrativa de um trabalhador: “no fundo da mina nós estávamos sempre cobertos do negro pó do carvão e comíamos pão branco”. O *occitan*, língua falada pelos mineiros durante o trabalho, é visto pela autora como “signo de cumplicidade” e resistência, considerando que era proibido nas escolas da cidade. Junto à ação da Companhia nas famílias, a formação escolar era o principal pilar do programa de engajamento das futuras gerações às regras vigentes na cidade. Era através da escola, que a hegemonia da Companhia era difundida e os jovens convencidos do seu avenir enquanto proletários.

“A Companhia”, como ainda era chamada pelos habitantes de La Grand-Combe, desejava que “o trabalho fosse o elemento dominante na cultura operária da “grande família corporativa” (:32). O desenvolvimento de uma política de “ordem moral” por parte da Companhia perpassava a construção de um cotidiano marcado pela vida em família, considerada a base de estabilidade dos habitantes. A Companhia gerenciava não somente o tempo e espaço familiar, mas também, a reprodução da mão de obra de que necessitava, idealizando a família nuclear e onde as subvenções “encorajaram materialmente” famílias numerosas. A Companhia também oferecia benefícios inéditos na época: auxílio em caso de doença e de acidente de trabalho, aposentadoria, assistência educacional, religiosa e moral.

O catolicismo era a religião por excelência e a Igreja tinha “o papel de velar pela obediência às regras da família corporativa” (:34). O pertencimento religioso e político, eram definidos como uma determinação social. Através dos ensinamentos católicos, os valores morais eram impostos aos habitantes: “ser um ‘bom católico’

correspondia aos códigos de comportamento idealizados pela Companhia; tal ‘virtude’ era acompanhada pela de ser bom trabalhador e cidadão apolítico” (:40). A Companhia conduzia assim, a vida cotidiana em sua totalidade, seja no âmbito familiar, seja nas instituições sociais.

A autora também observa a política discriminatória no recrutamento dos trabalhadores. Tal ato se manifestava no contexto do trabalho, por meio das hierarquias que eram estabelecidas através de critérios de nacionalidade. No “mundo da mina”, o racismo era amenizado. Segundo os interlocutores, no entanto, na vida cotidiana a discriminação era marcada, estimulando a formação de “guetos por comunidades étnicas”. Nos “tempos de crise”, com o fechamento da mina, o racismo perdurou e tornou-se um marcador ainda mais presente entre os moradores que restaram.

As mudanças em La Grand-Combe iniciam entre 1919 e 1921. Os candidatos políticos da Companhia à municipalidade foram derrotados e, simbolicamente, foi comemorada a “emancipação da classe operária grand-combiana”. Não houve uma ruptura do “cotidiano ritmado pelo trabalho na mina”, mas ocorreram transformações na organização do trabalho e na gerência do capital produzido. La Grand-Combe permaneceu uma cidade operária, mineira.

A história da Companhia em La Grand-Combe encerrou-se em 1946, “no tempo da nacionalização”, como indica o segundo capítulo, quando as minas da França foram nacionalizadas. Agora, os mineiros de La Grand-Combe, eram os mineiros de Cévennes, fazendo referência a região francesa em que está localizada a mina e a Hulherias da Bacia de Cévennes, grupo sudeste da Central Carbonífera da França. Pautada no apelo aos funcionários para que participassem da reconstrução econômica do país, as minas privadas passaram a uma condição pública e com intensa participação sindical. Na França pós Segunda Guerra Mundial, o operário mineiro tornou-se escolhido como o símbolo dessa renovação, interiorizando no imaginário coletivo “um personagem corajoso, que amava sua nação, seu trabalho, seu poço, sua *cité* e sua família” (:57).

Uma nova mudança econômica e política se inicia nos anos 1960 e irrompe de vez “os tempos de crise” que La Grand-Combe conheceria mais tarde. As primeiras minas são fechadas e a complexidade que tinham diante de si era muito maior que o medo do desemprego, mas significava o desaparecimento de todo o universo que os envolvia: trabalho, moradia, família, redes de sociabilidade, território. Nesse momento, trabalhadores se uniram na luta pela defesa do trabalho, dando espaço a “um movimento de resistência que, pela legitimidade herdada do passado, queria assegurar o presente e organizar o futuro” (:60).

Em 1987 La Grand-Combe contava sete mil habitantes, número bem diferente dos vinte mil habitantes no auge da atividade mineira, que transpareciam “o drama vivido pela comunidade ocupacional”. Os moradores que ainda estavam lá, falavam da dificuldade de reconhecer os valores de referências da identidade ocupacional na atual situação. “Os tempos de crise” estavam instaurados. No entanto, esse tempo não era lamentado por todos, especialmente pelos jovens, que sonhavam com uma reconversão profissional. Toda a sociedade vivia um novo tempo, de novas expectativas. A autora chama a atenção que, “por mais paradoxal que possa parecer, este foi, portanto, um tempo desejado e construído” (:65).

O término da exploração na mina “produziu uma sensação de caos pela perda de referências da comunidade de trabalho, espaços e formas de sociabilidade” (:68), fazendo com que os mineiros incorporassem um “sentimento de luto”, onde já não transmitiam seus saberes, mas sim assistiam a patrimonialização em torno das técnicas e do trabalho na mina.

Contudo, é o luto que assegura a continuidade de La Grand-Combe. Na “obsessão de continuar: reinventa-se o mundo” (:75). As associações, os grupos de terceira idade e principalmente a feira semanal foram iniciativas dos moradores que tiveram um papel importante para a manutenção da vida na comunidade, diminuindo o isolamento das pessoas nas suas casas. A renovação da cidade era esperada por todos, no entanto, sem apagar as referências tradicionais que unem os habitantes.

No quarto capítulo da obra, a autora narra brevemente sua experiência etnográfica em La Grand-Combe, evidenciando uma preocupação metodológica, perceptível em todos os capítulos, o encontro com os interlocutores e a sua construção enquanto pesquisadora. No quinto capítulo, temos acesso a uma seleção de fotografias, dentre as mais de quinhentas imagens realizadas pela autora, que compõem “o trabalho de durar” em La Grand-Combe. Entre imagens de acervo e da pesquisadora, acompanhamos a trajetória de La Grand-Combe no tempo.

“Os ‘tempos de crise’ não são vazios de significação” (:119) e, à guisa de conclusão, é preciso pensar no tempo social como uma série de rupturas, onde a memória coletiva e social foge a um tempo cronológico, contínuo e uniforme, mas sim, corresponde ao jogo seletivo de lembrar e esquecer. Como traz a autora, as mudanças são irreversíveis, mas os valores são permanentemente reatualizados e viver a cidade é “um ato de arranjar, encadear e encaixar os diversos tempos e as diversas estruturas espaciais da história do grupo” (:121).

A obra continua pertinente e atual na discussão antropológica e traz elementos para pensarmos sobre as crises da atualidade, no que diz respeito à recessão econômica, atingindo o mundo do trabalho e no que tange a crises citadinas, problemáticas notoriamente conectadas. O trabalho, enquanto um valor na sociedade, ocupa um lugar de destaque na vida do sujeito e torna-se um dos principais elementos de sociabilidade. Em La Grand-Combe, mas também em cidades brasileiras, o trabalho, elemento agregador da sociedade entra em declínio e concomitante a crise no sistema produtivo, a cidade também sofre as consequências e mediante as transformações, esforça-se por se recriar e rearticular em torno de outros valores.

Com mudanças na forma de produção das indústrias, fabricação não localizada e necessidade de mão-de-obra que diminui a cada ano, o conceito de trabalho herdado a partir da Revolução Industrial é a cada dia menos pertinente e as cidades que antes eram organizadas em torno da produção industrial buscam hoje uma reorganização, econômica, cultural, social, que nem sempre é fácil em um momento de crise. A obra se mantém atual e é um convite para compreender as questões do trabalho citadino, ampliando a visão sobre o conceito de trabalho e sobre as transformações urbanas a partir dos momentos de crise.

Recebido em 05/11/2013  
Aprovado em 05/03/2014

---

*Fabiela Bigossi é Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).*